

Animação é coisa de criança? E se for?¹

Tainá Andrade da Silva²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ

RESUMO

O presente trabalho busca demonstrar quanto obras audiovisuais animadas e juventudes marginalizadas podem agir como forças transformadoras de realidades excludentes, considerando a agência dos públicos infanto-juvenis. Usando as metodologias de análise audiovisual e revisão bibliográfica narrativa com abordagem crítica, pretende-se pormenorizar as consequências do cânone moderno e a potência transformadora que o audiovisual proporciona aos pequenos espectadores. Tendo o filme **O Menino e o Mundo** enquanto objeto, serão averiguadas narrativas políticas e possíveis reflexões desencadeadas na recepção de animações. Com base em autores como Michel de Certeau, Guacira Lopes Louro e Paul Preciado, possibilita-se checar o uso da mediatização para romper sistemas de opressão e aprender nas brechas cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE

Animação; comunicação para a cidadania; crianças e adolescentes; força audiovisual; transformação social.

Introdução

Este trabalho tem como princípio basilar a força transformadora do audiovisual e das juventudes, ambos aparecendo enquanto motores para o acesso aos direitos cidadãos e a uma existência política, que combate as narrativas e os cânones segregatórios. Parte-se de ideias como a educação crítica em Guacira Lopes Louro (2020) — entendendo a problemática de construir sujeitos através de respostas cristalizadas que não incentivam a criatividade e os questionamentos —, e as brechas e resistências para reinventar o cotidiano de Michel de Certeau (1998) — as quais podem surgir na recepção crítica do audiovisual, que impulsiona a fissura dos sistemas de poder. Assim, há a proposição de uma pesquisa construtivista qualitativa de caráter explicativo, a qual usará a revisão bibliográfica narrativa com abordagem crítica e a análise audiovisual como metodologias. Desta forma, será possível averiguar a hipótese de que animações não são uma categoria inferior do fazer cinematográfico por serem relacionadas à

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutoranda em Comunicação Social (Cultura das Mídias, Imaginário e Cidade) e Mestra em Cinema e Audiovisual no PPGCine UFF (Histórias e Políticas). Professora da Oficina de Áudio e Vídeo da ONG Terr'Ativa. Bolsista CAPES DS. Telefone: (21) 98942-2514. E-mail: andradetaina777@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5704-8193>.

infantilidade, bem como as infâncias e adolescências são, na verdade, potências e não vidas menos inteligentes e agentes em relação às demais faixas etárias.

Ou seja, as mídias, aqui estando enfocadas as animações, são tratadas no lugar de meio de interação e experiência, através do qual o público tem a possibilidade de desconstruir imaginários, a depender da narrativa abordada. De acordo com Paul Preciado (2020), a linguagem é o principal caminho para combater processos de opressão, pois pode haver identificação e ação, aproveitando da midiatização que foge do positivismo cartesiano moderno. Portanto, levanta-se o objetivo principal de demonstrar as potencialidades das obras audiovisuais animadas e da recepção do público infanto-juvenil em colisão à narrativa oficial excludente e às imposições sistêmicas que oprimem corpos e espaços marginalizados pelo poder. Assim sendo, é necessário destrinchar os seguintes objetivos específicos: (1) revisar teorias decoloniais para desvendar historicamente a necessidade de lutas em vista do acesso aos direitos cidadãos; (2) explorar a força das animações que fazem uso de narrativas libertadoras explicitando o poder da comunicação para a cidadania; e (3) compreender quanto a recepção feita por crianças e adolescentes pode impulsionar a agência capaz de alterar paradigmas.

Audiovisual e transformação

Tendo em vista quanto as cidades não são receptivas a determinados grupos sociais e como os corpos que a sociedade apaga permanecem existindo e vivendo, é nas exceções, em que estas pessoas são retratadas midiaticamente sem reprodução de estigmas, onde mora a força transformadora da comunicação. Desde grandes movimentos, como o Cinema Novo — no qual obras como **Vidas Secas** (Nelson Pereira dos Santos, 1963) e **Deus e o Diabo na Terra do Sol** (Glauber Rocha, 1964), enfrentavam a repressão no princípio do Brasil ditatorial —, até conteúdos isolados feitos na contemporaneidade — existindo de exemplo a série documental **Transo** (Lucca Messer, 2023), a qual aborda a vida sexual de PCDs dando voz a estes corpos dissidentes —, o audiovisual se mostra enquanto meio revolucionário. No entanto, existem inúmeras animações com tanto ou maior poder político quanto os casos supracitados, as quais nem sempre são avaliadas e percebidas neste contexto de

direcionamento ao fazer, existir, resistir e reinventar o cotidiano (Certeau, 1998) da audiência.

Ainda assim, ao redor do globo e com o passar do tempo, repete-se a importância e a capacidade de influência positiva das obras audiovisuais de animação, podendo-se iniciar as exemplificações com o filme **A Mão** (Jiří Trnka, 1965) — que alegoricamente usou do *stop motion* e de silêncios para abordar a censura e a repressão artística vivida pela Tchecoslováquia no período. Na contramão, um exemplo vindo dos Estados Unidos nos dias atuais, e que vai contra o imperialismo através do qual o país visa se manter como a maior potência mundial, é a animação seriada intitulada **Steven Universo** (Rebecca Sugar, 2013) e a constante inclinação às causas LGBTQIAPN+ e à resistência política que a acompanham. **One Piece** (Eiichiro Oda, 1999), *anime* que supera os limites temporais e conta com lançamentos semanais há quase 30 anos, é outra obra que precisa ser abordada, visto como retrata diferentes casos de combate à opressão e de busca pela liberdade. Logo, fica demonstrado que animações, ainda quando voltadas ao público infanto-juvenil, são meios pelos quais se inventa o cotidiano reinventando a liberdade (Certeau, 1998). Isto posto, o filme analisado neste trabalho, por conta da avaliação do dia a dia brasileiro, será **O Menino e o Mundo** (Alê Abreu, 2014), em que a maquinação da vida e as sujeiras do Capitalismo são enfrentadas pela imaginação de um menino.

O poder infanto-juvenil

Antes de pormenorizar a análise fílmica, todavia, vale ressaltar que se a vida acontece em um regime de produção política baseado na gestão de imagens, discursos e afetos, no qual a midiatização pode aparecer enquanto ferramenta de dissidência (Preciado, 2020), a recepção feita pelos diferentes corpos é relevante. O que inclui a juventude. Segundo Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), as opressões dependem de contextualizações, em outras palavras, aquilo que uma criança ou um adolescente sofre, impacta de forma diferente e pode ser enfrentado de maneiras outras, quando comparado ao viver adulto. Como Guacira, ao falar das escolas, defende que a educação deve ser inclusiva desde a infância — assim aumentando as chances de formar uma sociedade menos agressiva e supressória —, é necessário entender que a juventude faz parte do processo de aprendizado, também criando, ensinando e alterando a realidade

vivida. Portanto, tanto quanto animações não devem ser inferiorizadas por serem relacionadas ao mundo infantil, também as infâncias e adolescências precisam ser colocadas na conta da cidadania, pois compartilham espaços da cidade, onde devem contar com direitos e ter agência cotidiana — seja em relação a outros jovens, ou a adultos; por exemplo, uma obra pode ensinar crianças sobre abusos e levá-las a denunciar casos envolvendo maiores de idade.

Quer dizer, a verticalização que põe determinado grupo ou fazer artístico abaixo de outros se encaixa com os ideais modernos nos quais a ideia positivista de crescimento e progresso se propagam, dificultando a relevância desta visão ao se falar dos jovens e das animações. Ademais, em consonância com o **Estatuto da Criança e do Adolescente** (Planalto, 1990), a cidadania das crianças e adolescentes deve ser garantida por toda a sociedade, a ver:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (Incluído pela Lei nº 13.257, de 2016)

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Planalto, 1990).

Isto é, considerando como por vezes a educação é falha, não deixando que todos os presentes no ambiente escolar a ele pertençam; dando luz às diferenças; e cerceando o pensamento (Guacira, 2020), torna-se necessário difundir o uso do audiovisual como meio de ensino libertário. Conforme o público infanto-juvenil é tratado no lugar de agente cidadão, as animações, principalmente as voltadas às juventudes marginalizadas, tomam notoriedade ao incentivar a transformação estrutural, tendo por objetivo o pertencimento dos mais variados corpos e grupamentos.

O mundo que o menino vê

Enfim, cabe estudar o filme **O Menino e o Mundo** e as possibilidades que ele pode abrir ao ser assistido de forma crítica e ativa. O longa-metragem de animação, raro em palavras e tomado por cores, formas e fantasias infantis, explora o mundo moderno, colonialista, violento e excludente às diferenças visto “aos olhos de uma criança” (Emicida, 2013). Através da jornada do protagonista, assiste-se a uma realidade em que a técnica é priorizada em detrimento da vida por conta do utilitarismo; e escancaram-se as contextualizações dos diferentes níveis de opressão (Collins; Birge, 2021), onde os diferentes são desiguais entre si e vão além do binarismo de serem o “outro” do cânone. Contudo, o mais importante é como a narrativa demonstra que, ainda quando dentro de um sistema segregatório, encontram-se fissuras através das quais é possível resistir: a manutenção do olhar da infância — isto é, o poder da interpretação infanto-juvenil —, auxilia o personagem principal a não se dobrar às imposições.

Nesse sentido, visto como a animação é iniciada expondo que o espectador acompanha a história através dos olhos do menino, incluindo as fabulações imaginárias dele, pode-se questionar quanto do assistido trata de imaginação, sonho, simbolismo ou fatos da realidade proposta. Seja esta ou aquela opção, a dureza toma a jornada várias vezes, começando com sons maquínicos e uma torre que solta fumaça, anuviando a paisagem bonita onde passam a ser vistas estranhas montanhas pontiagudas. Porém, o maior baque ocorre quando o mesmo progresso assombroso aparece em forma de trem/monstro, levando o pai do menino embora, deixando em troca a luta entre manter a lógica já conhecida ou se render à modernidade. Por fim, a ida da criança à cidade é um mergulho no desconhecido e, ao mesmo tempo, em si próprio, posto que a primeira pessoa com a qual ele se encontra é a uma versão idosa dele, a qual está inserida no sistema, porém não sem resistências — tendo de exemplo, o uso de uma blusa igual à da infância em um mundo de ternos e uniformes.

Além disso, toda a busca pelo pai se mostra pouco frutífera, quando o que se encontra são horas de trabalho extensas; montanhas de ferro e lixo perto dos quais a humanidade é pequena; militarismo e armamentismo quase robótico e amedrontador; e pequenas fugas trazidas pelas outras versões do protagonista. O menino enquanto adulto anda de bicicleta, vai à praia, veste roupas coloridas, e toca uma engenhoca que mistura diferentes instrumentos musicais, apesar de ser excluído dos megaeventos e do

comércio oferecidos pela cidade. Na idade de idoso, cuida de um cachorro e trabalha manualmente, mesmo as máquinas tendo substituído a maioria dos recursos humanos do local. Desta forma, depois de diferentes experiências que insistem em mostrar para o protagonista a impossibilidade de voltar a viver como antes — sobrando de opção a redenção ao sistema ou a tentativa de resistir inspirado nos artistas ao redor —, ele tenta seguir o caminho do trem para encontrar o pai, mas descobre que o ciclo não pode ser quebrado, pois a batalha contra o padrão moderno é feroz. Do trem, diferentes homens idênticos ao pai desembarcaram, deixando a criança perdida entre folhetos de vaga de emprego: o pai dele era apenas mais um cooptado pelo sistema, e ele também viraria mais um, a menos que batalhasse contra este mesmo sistema.

No fim, o menino se percebe expulso da cidade junto daqueles que destoam do padrão imposto, porém, ao mesmo tempo, entende como não está sozinho, ao ver as reações de luta feitas por quem, dos escombros, voltou a tocar com os restos dos instrumentos musicais e usar do que pode para se impor. Se no amontoado citadino as tecnologias transformavam cada vez mais o trabalho, possibilitando a entrada de vacas inteiras em uma máquina para a saída de caixas de hambúrguer, o desmatamento e a poluição se tornaram tão óbvios que a criança acabou correndo em direção à difícil verdade. Finalmente, não fica dito se, enquanto criança, o menino saiu de casa ou, apenas já adulto, manteve as memórias infantis como guia na disputa contra-hegemônica, mas as escolhas oníricas permitem o filme a trabalhar temáticas importantes e densas para públicos diversos.

Em suma, **O Menino e o Mundo** transforma a violência moderna — que impõe a supremacia do ser humano sobre a natureza e sobre as relações afetivas, tanto entre pessoas quanto entre espécies — em uma canção contínua, da qual emerge uma dança sutil pela liberdade, expressa nos pequenos detalhes. Enquanto o *status quo* enxerga indivíduos como peças substituíveis na máquina produtiva e trata a natureza como recurso a ser exaurido, a imaginação infantil reencanta os espaços devastados, devolvendo-lhes cor e ludicidade, mesmo quando dominados pelo ferro e pelo concreto. A opressão típica do modelo positivista e racionalista atua despersonalizando os sujeitos, ciclo que se perpetua, como evidencia o momento em que o menino é forçado a ir até a montanha industrial e se converter, ele próprio, em força de trabalho. Entretanto, nos encontros do menino com as diferentes versões dele mesmo, evidencia-se como o

olhar da infância permite uma resistência às normas impostas, encontrando brechas para criar e lutar.

Consequentemente, quem assiste ao filme de Alê Abreu, reflete sobre como nem todos vivenciam a marginalização da mesma maneira: quem está no campo se relaciona com a modernidade de forma distinta de quem vive na cidade; nos centros urbanos, se muitos se rendem às normas, há sempre movimentos de resistência que emergem nos vazios. Ademais, outra questão presente na animação é o respeito à sabedoria imemorial da convivência com a natureza, explorando a não aceitação dos padrões modernos e a possibilidade de agir e escolher, através da qual se margeia o cânone para construir o mundo e a si. Então, por ser uma obra feita para ser sentida antes de ser compreendida, amplia-se o potencial de identificação, diversão e reflexão entre diferentes faixas etárias, que passam a entender assuntos que, de outro modo, talvez não fossem fáceis de deglutir.

Considerações Finais

Finalmente, entende-se como vale analisar esta obra enquanto ferramenta de mediatização que demonstra a possibilidade de tática contra as opressões, por meio da qual o público, assim como o menino, “opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas” (Certeau, 1998, p. 100). Para se abrir espaço a quem não compõe o referencial branco, rico, heterossexual e com demais características canônicas, incentivando que se repense e dialogue (Guacira, 2020), é primordial contar com obras que alcançam públicos distintos tratando destes assuntos de forma explícita. Doravante, **O Menino e o Mundo** tem potencial para identificação, reflexão, representação e modificação do cotidiano, assim auxiliando que as pessoas ocupem diferentes locais e se defendam de mazelas normalizadas pelo poder.

No mais, este texto é apenas o início de um trabalho a ser aprofundado, aumentando-se as metodologias propostas — inclusive com uma análise audiovisual mais extensa; e o acréscimo de novos autores ao escopo da revisão de literatura —, e também podendo-se incluir pesquisas de campo para o estudo de recepção. Enfim, os resultados preliminares apontam que, além de apenas dentro da lógica positivista moderna existir fundamento para a redução das animações e das juventudes a um

patamar inferiorizado, de fato, a força do audiovisual e das crianças e adolescentes apontam para um importante uso da comunicação para a cidadania. Em conclusão, ficam definidos os pilares que delinearão a produção a ser acrescida futuramente, deixando-se aberto o espaço para debates e melhorias que farão a proposição se tornar ainda mais robusta quando finalizada enquanto artigo ou parte da tese de Doutorado escrita pela autora.

REFERÊNCIAS

A MÃO. Direção: Jiří Trnka. Tchecoslováquia, 1956.

AOS OLHOS de uma criança. Intérprete: Emicida. Compositor: Leandro Roque de Oliveira / Renam Saman. Tema do Filme “O Menino e o Mundo”. Brasil: Warner Chappell Music, Inc, 2013. (3min 46s).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

COLLINS, Patricia Hill; SIRMA, Bilge. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

DEUS e o Diabo na Terra do Sol. Direção: Glauber Rocha. Brasil: Copacabana Filmes e Herbert Richers, 1964.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

O MENINO e o Mundo. Direção: Alê Abreu. Produção de Fernanda Carvalho e Tita Tessler. Brasil: Filmes de Papel, 2014.

ONE PIECE. Autor: Eiichiro Oda. Japão: Toei Animation, 1999.

PLANALTO. **Estatuto da Criança e do Adolescente** | LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

STEVEN Universo. Direção: Rebecca Sugar. Estados Unidos da América: Cartoon Network Studios, 2013.

TRANSO. Direção: Lucca Messer. Brasil: Globoplay, 2023.

VIDAS Secas. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Brasil: Herbert Richers, 1963.